



UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO
CENTRO DE CIÊNCIAS DA SAÚDE
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO FÍSICA
EDUCAÇÃO FÍSICA – LICENCIATURA

RONALDO LUIS DE SOUSA FILHO

**O CONTEÚDO DE ATIVIDADES DE AVENTURA NA FORMAÇÃO DOS
PROFESSORES DE EDUCAÇÃO FÍSICA E SUA POSSIBILIDADE DE
EXECUÇÃO NA ESCOLA**

RECIFE, 2022

RONALDO LUIS DE SOUSA FILHO

**O CONTEÚDO DE ATIVIDADES FÍSICAS DE AVENTURA NA FORMAÇÃO DOS
PROFESSORES DE EDUCAÇÃO FÍSICA E SUA POSSIBILIDADE DE
EXECUÇÃO NA ESCOLA**

Projeto de pesquisa para TCC de
Graduação do curso de Licenciatura
em Educação Física da Universidade
Federal de Pernambuco

Orientador: Prof. Ms. Anderson Henry P.
Feitoza

RECIFE, 2022

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor,
através do programa de geração automática do SIB/UFPE

filho, ronaldo luis de .

O conteúdo de atividades físicas de aventura na formação dos professores de educação física e sua possibilidade de execução na escola / ronaldo luis de filho. - Recife, 21. 45, tab.

Orientador(a): Anderson Henry Feitoza
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) - Universidade Federal de Pernambuco, Centro de Ciências da Saúde, Rádio, TV e Internet - Bacharelado, 21.

Inclui referências, anexos.

1. Educação Física escolar. 2. atividades de aventura. 3. benefícios. I. Feitoza, Anderson Henry. (Orientação). II. Título.

370 CDD (22.ed.)

FOLHA DE APROVAÇÃO

RONALDO LUIS DE SOUSA FILHO

O CONTEÚDO DE ATIVIDADES FÍSICAS DE AVENTURA NA FORMAÇÃO DOS PROFESSORES DE EDUCAÇÃO FÍSICA E SUA POSSIBILIDADE DE EXECUÇÃO NA ESCOLA

Artigo apresentado à disciplina de Trabalho de Conclusão de Curso 2 do Curso de Educação Física do Departamento de Educação Física, da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), como um dos pré-requisitos para conclusão do curso de Educação Física (Habilitação – Licenciatura).

Aprovada em: 18/05/2022.

BANCA EXAMINADORA

ANDERSON HENRY PEREIRA FEITOZA
CENTRO UNIVERSITÁRIO DOS GUARARAPES - UNIFG

DANIEL DA ROCHA QUEIROZ
UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO

Agradecimentos

O desenvolvimento desse Trabalho de Conclusão de Curso contou com a colaboração pessoal de pessoas importantes em minha vida.

Gostaria de Agradecer a minha mãe, Kátia Maria da Silva Souza, ao meu pai, Ronaldo Luis de Sousa e minha tia, Vilma Maria de Sousa, eles que me dão total suporte na vida e que me apoiaram incondicionalmente durante a graduação.

Sem esquecer do meu falecido avô, José Luis de Sousa, que em vida, não mediu esforços para contribuir com minha formação e educação.

Agradeço também a minha namorada, Laryssa Welliane da Silva Lima, que entrou na minha vida em um período difícil dentro dessa graduação, me estendeu a mão e não permitiu que eu desistisse.

Agradeço ao meu Orientador, Prof. MS Anderson Henry, que está comigo desde o projeto de TCC1 e sempre me aconselhou e orientou de maneira ímpar para que eu conseguisse concluir esta revisão integrativa.

Agradeço a Alice Hathor, me ajudou em um ponto onde tenho bastante dificuldade, que é o idioma do Inglês, sem ela a tradução do resumo dessa revisão integrativa seria muito mais difícil.

Por fim, aos grandes amigos que pude fazer durante esses anos na Universidade, sem dúvidas eles contribuíram com o meu crescimento.

RESUMO

Esse estudo busca responder o questionamento referente a inserção das atividades de aventura dentro do ambiente escolar, além de apresentar as dificuldades encontradas desde a formação do professor até a aplicação de adaptações dentro da escola. Foi visto que as universidades carecem de qualidade sobre o referido tema e que a consequência disso é a falta de segurança dos professores em colocarem as atividades de aventura como conteúdo possível para a educação física escolar, atividades essas que proporcionam benefícios relevantes para saúde das pessoas, um exemplo é a maior liberação de endorfina, que combate o estresse, fazendo com que sintam uma melhora no seu humor diário, outro ponto que vale ser salientado é o da autoconfiança, essas atividades exigem dos praticantes um grau maior de dedicação, e na medida que se obtém êxito, o praticante ganha uma dose extra de confiança. E, com as modalidades do esporte de aventura, pode-se “estourar” a bolha em que vivemos de, principalmente no meio educacional, serem ministrados conteúdos de pouquíssimos esportes, com isso, com as atividades de aventura, os professores enriquecem suas aulas e disseminam um conteúdo rico e extremamente positivo para seus alunos. É completamente possível a inserção das atividades de aventura dentro da escola, pois o conteúdo apresenta uma grande quantidade de variações, tanto como atividades de aventura na natureza, como no próprio meio urbano. Professores que possuem experiência prévia com alguma atividade, possuem maior facilidade para ministrarem essa aula. Através de uma revisão integrativa, com a análise de 15 artigos de autores distintos, foi observado que tanto os graduandos em educação física como alunos do ensino fundamental são a favor das atividades de aventura, acreditam que se faz necessário aumentar os estudos referentes ao tema para que se obtenha uma valorização, fazendo com que tenhamos mais professores capacitados e que com isso, o tema possa ser abordado nas escolas de maneira clara, segura e positiva.

Palavras-Chave: Educação física escolar, atividades de aventura e benefícios

ABSTRACT

This study intends to answer the question regarding the insertion of adventure activities within the school environment, in addition to presenting the hardships found from the teacher's formation to the application of adaptations within the school. It was seen that the universities lack of quality about the mentioned theme and the consequence of it is that the teachers have no confidence on inserting adventure activities as a possible content for the school's physical education, activities that provide relevant benefits for people's health, as an example is the greater release of endorphins, which combat stress, making you feel an improvement in your daily mood. Another point worth highlighting is self-confidence, these activities require greater commitment from practitioners and to the extent of those who succeeds, the practitioner gains an extra dose of confidence. The modalities of adventure sports can also "pop" the bubble, especially on the educational field, where only a few sports are talked about and experienced, with those adventure activities the teachers improve their teachings to disseminate a rich and extremely positive content for their students. It is absolutely possible to include adventure activities within the school, as the content presents a large amount of variations, both as adventure activities in nature and in the urban environment itself. Teachers who have previous experience in the matter find it easier to teach this class. An integrative interview with an analysis of 15 articles by different authors was made and it was observed that both students of physical education and elementary school students are in favor of adventure activities, believing that it is necessary to increase studies regarding the theme so that an appreciation can increase, making more capacitated teachers, and with that, the theme can be more discussed in schools in a clear, secure and positive way.

Keywords: School physical education, Adventure activities, Benefits

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	9
2.REFERENCIAL TEÓRICO.....	12
2.1.FORMAÇÃO PROFISSIONAL.....	12
2.2. A ATIVIDADE DE AVENTURA.....	15
3 .OBJETIVOS.....	18
4. MATERIAL E MÉTODOS.....	19
4.1.Base de Dados	21
5.RESULTADOS.....	22
6.DISSCUSSÃO.....	33
7. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	38
8.REFERÊNCIAS.....	39
9., ANEXOS.....	42

1 INTRODUÇÃO

A Formação Profissional tem por objetivo a aquisição de conhecimentos, capacidades, atitudes e comportamentos necessários ao bom desempenho de determinada profissão ou tarefas de uma função, sendo assim voltada para a aquisição de competências profissionais (KMED EUROPA, 2022).

Essa jornada é um processo amplo e complexo, que dentre as competências engloba uma gama de conteúdos a serem trabalhados, apontado como 'o ponta pé inicial' que deve ser desenvolvido por meio da formação acadêmica, o período de adaptação ao meio profissional que vai se inserir e continuidade do aprendizado com base nas experiências vividas. Segundo Souza Neto, et al, (2004), a formação do futuro professor de EF tem uma especificidade própria que deve ser respeitada e não pode ser ignorada.

Chakur (2000) coloca que a razão mais comumente utilizada para justificar a necessidade da formação continuada apoia-se nos benefícios da atualização dos conteúdos básicos para uma melhor correspondência com as condições escolares, suprimindo, ao mesmo tempo, as deficiências da formação inicial (ROSSI E HUNGER, 2012).

Tanto na caminhada acadêmica, quanto no âmbito escolar, temos diretrizes a serem seguidas, sendo o perfil curricular responsável por reger as disciplinas na universidade e a Base Nacional Comum Curricular que é um

“Documento de caráter normativo que define o conjunto orgânico e progressivo de aprendizagens essenciais que todos os alunos devem desenvolver ao longo das etapas e modalidades da Educação Básica, de modo a que tenham assegurados seus direitos de aprendizagem e desenvolvimento, em conformidade com o que preceitua o Plano Nacional de Educação - PNE (BRASIL, 2018, P. 7).

A Base Nacional Comum Curricular, vai trabalhar em conjunto com os Parâmetros Curriculares Nacionais – PCN para nortear o profissional no campo de trabalho, oferecendo suporte para direcionar as suas aulas e contemplar a formação dos seus alunos corretamente.

Os Parâmetros Curriculares Nacionais abrem a possibilidade de trabalhar

temáticas que estão fora do convencional vivido nas escolas quando fala que “Inclui-se essa dimensão no trabalho cotidiano, com a utilização tanto dos espaços da escola como das áreas próximas, tais como parques, praças e praias, espaços possíveis para as práticas”. (Educação Física / Secretaria de Educação Fundamental. – Brasília: MEC / SEF, 1998, P40.).

Diante dessa explanação, destaco o objeto de estudo deste trabalho, as atividades física de aventura – AFA, tendo em vista que

“Defendemos as A.F.A. na escola, pois acreditamos que esse conhecimento e suas vivências proporcionem sensações e experiências que atinjam o afetivo, o cognitivo e o aspecto motor de um jovem estudante, mesmo que sejam práticas apenas adaptadas às estruturas pobres das escolas, mas plenamente passíveis da ligação do “Saber” com o “Saber Fazer”, sensações que estimulem as emoções dos adolescentes e os estimulem com desafios e superações de seus limites (FRANCO,2008).

A BNCC revela que “todas as práticas corporais podem ser objeto do trabalho pedagógico em qualquer etapa e modalidade de ensino”(BRASIL, 2018, P.219); pela abrangência e generalidade com o qual a temática possa ser tratada, optou-se por contextualizar as práticas de aventura em dois ambientes possíveis para execução: na natureza e urbanas.

“As práticas de aventura na natureza se caracterizam por explorar as incertezas que o ambiente físico cria para o praticante na geração da vertigem e do risco controlado”(BRASIL, 2018, P. 218 E 219), Também temos as atividades físicas de aventura dentro do meio urbano, onde a estrutura cheia de metais, concretos, vidros e etc, são usados para obter a mesma sensação de “risco controlado”.

“Essas atividades, como componente curricular inovador dentro da área da Educação Física escolar, podem ampliar quantitativa e qualitativamente as vivências dos educandos, e assim possibilitar experiências práticas que conduzirão à aquisição de novos conhecimentos e aprendizagens, interligados com a importante abordagem das questões ligadas ao meio ambiente natural” (TAHARA; FILHO, 2013).

Questão Norteadora

A pergunta que teve como objetivo direcionar o estudo foi: “ As práticas de atividade física de aventura são possíveis dentro da educação física escolar mesmo diante de inúmeras adversidades? ”

2.REFERENCIAL TEÓRICO

2.1 A FORMAÇÃO PROFISSIONAL

Na Educação Física, as transformações econômicas e tecnológicas, aliadas à valorização da estética corporal, a saúde e a qualidade de vida, tornaram os cursos de formação profissional mais diversificados nas últimas décadas. Desde 2003, o Conselho Nacional de Educação, através da determinação legal subsidiada pela LDB de 1996, garantiu às Instituições de Ensino Superior (IES) a autonomia necessária a organização dos currículos de formação profissional, desde que respeitadas e definidas de forma evidente as competências e habilidades que pretende desenvolver nos futuros profissionais, observadas às necessidades das demandas sociais (CNE – PARECER no67/2003).

O que é esperado da Educação Física é que ela seja uma área que pesquise, conheça e compreenda, analise e avalie o meio social que está em volta, visando ter participação efetiva tanto nos meios acadêmicos quanto nos profissionais utilizando “das manifestações e expressões do movimento humano [...] visando a formação, a ampliação e enriquecimento cultural da sociedade para aumentar as possibilidades de adoção de um estilo de vida fisicamente ativo e saudável” (BRASIL,2004, p. 3, grifo nosso).

Portanto, cabe aos profissionais de Educação Física intervir acadêmica e profissionalmente, de forma deliberada, adequada e eticamente balizada nos campos da

“Da formação cultural, da educação e da reeducação motora, do rendimento físico-esportivo, do lazer, da gestão de empreendimentos relacionados às atividades físicas, recreativas e esportivas, além de outros campos que oportunizem ou venham a oportunizar a prática de atividades físicas, recreativas e esportivas” (BRASIL, 2004, P. 1).

Nessa mesma linha, Corrêa e colegas (2014) dizem que a construção da profissão é um processo permanente e é necessário compreendê-la desde a formação inicial, perpassando pela formação continuada e, principalmente, no campo da intervenção, onde o profissional de Educação Física está envolvido com o

pesquisar, conhecer, dominar e analisar de forma crítica e criativa a realidade social.

CORRÊA; NETO (2018) dizem que reconhecer as características da Educação Física e sua ligação com as atividades físicas de aventura, nos leva a entender a importância da temática no âmbito da formação e intervenção profissional. Acredita-se que estudos sobre a multidisciplinaridade, transdisciplinaridade ou interdisciplinaridade na pesquisa sobre estas temáticas podem contribuir de forma substancial para avanços qualitativos na formação profissional.

Dentro das diversas sugestões de conteúdos que foram utilizados para ajudar em uma demanda que faltava na Educação Física, temos o conteúdo 'aventura'. Podemos notar fatores imprescindíveis para o crescimento deste tema, um dos pontos de destaque é a grande popularização de modalidades como o surfe. "A busca pelo contato com a natureza no tempo livre; o apelo midiático para as proezas de práticas arriscadas; o desenvolvimento tecnológico que tornaram materiais e equipamentos mais acessíveis à população de práticas de risco" (PEREIRA; ROMÃO; CAMARGO, 2020, P. 37).

Segundo Terrão (2017) desde o início do século XXI, cresceram as oportunidades de ação dos profissionais de Educação Física, nos mais variados espaços, como no escolar, ou nos espaços não escolares do lazer, esporte e saúde, com uma obrigatoriedade de orientação dos cursos de graduação para seguir o rumo da divisão da formação entre licenciatura e bacharelado, baseado na regulamentação da profissão através do Conselho Nacional de Educação Física.

A Base Nacional Comum Curricular (BNCC) também demonstrou que havia na aventura uma relevância social que lhe permitiria um destaque em relação ao ensino, assim, definiu as Práticas Corporais de Aventura como unidade temática para todo território nacional, dando mais um impulso para que os cursos de graduação trouxessem esse debate para o currículo (SEVERINO; PEREIRA; SANTOS, 2016)

Os Parâmetros Curriculares Nacionais entendem a Educação Física escolar como uma disciplina (componente curricular) que introduz e integra o aluno na cultura corporal de movimento, formando o cidadão que vai produzi-la, reproduzi-la e transformá-la, instrumentalizando-o para usufruir dos jogos, dos esportes, das danças, das lutas e das ginásticas em benefício do exercício crítico da cidadania e da melhoria da qualidade de vida (DARIDO, 2005, p. 312).

“As três dimensões propostas pelos PCN's e defendidas por Darido e Rangel (2005) são apresentadas na dimensão conceitual são feitas discussões sobre o que se deve saber sobre os esportes de aventura e meio ambiente, como conceitos e classificações; os esportes como fenômeno em nossa sociedade e suas relações com o meio; conceito de meio ambiente de forma ampla incluindo nela as relações sociais, econômicas, políticas e culturais do homem; noções de preservação, do por que preservar, das causas e efeitos da degradação da natureza e as relações do homem com o meio ambiente na prática do esporte junto à natureza” (CAPAVERDE; MEDEIROS; ALVES, 2012, P.53).

2.2 AS ATIVIDADES DE AVENTURA

É evidente que as Atividades de Aventura estão em um patamar notável, com uma boa representação tanto no âmbito nacional como internacional e isso aconteceu devido a uma onda de desenvolvimento que ocorreu em um passado próximo. Esse tipo de prática engloba atividades como o Surf, Skate, Ralis, Corridas de Aventura, entre outros, com uma boa variedade de faixa etária entre os praticantes. As Atividades Físicas de Aventura estão sendo largamente difundidas em documentários sobre expedições e reportagens ecoturísticas que envolvem várias de suas técnicas e modalidades, tais como: Rapel, Tirolesa, Corrida de Aventura, Trekking ou, ainda, outras atividades chamadas esportes radicais. Esses esportes têm atraído a prática e o consumo de grande parte dos jovens e adultos brasileiros, chegando a competir, em preferência, com alguns esportes tradicionais do país. Já existem revistas e outros periódicos especializados nestes temas, selecionando muitos adeptos e curiosos de diversas modalidades relacionadas (FRANCO, 2008).

Segundo Carnicelli Filho e Schwartz (2005) utilizado primeiramente por Betrán (1995) que a define como sendo as atividades físicas buscando uma aventura imaginária, sentindo emoções e sensações hedonistas em um ambiente natural. AFANs é um termo mais amplo, por não precisar quais atividades podem ou não ser designadas como tal, podendo ser atividades em água, terra e ar (CARNICELLI FILHO; SCHWARTZ, 2005). Segundo Freire (2006) são atividades que não exigem treinamento prévio para sua prática, o que possibilita a adesão de novos praticantes. Sendo um termo amplamente utilizado em se tratando de aventura e natureza, podendo ser encontrado nos estudos de Pereira e colegas (2004), Zimmermann (2008), Lavoura (2008) e Marinho (2001), entre outros.

As Atividades Físicas de Aventura podem ser encaradas como desafios aos limites do próprio corpo na dimensão de ir além do “convencional” (as práticas diárias de uma pessoa), e não especificamente como “dar piruetas”, pois nem todos têm mobilidade, agilidade, destreza etc. suficientes para realizar acrobacias por mais que os equipamentos e a tecnologia interfiram neste aspecto. Desse modo, as atividades consideradas de aventura repousam sobre uma dinâmica social bastante complexa, no fato de que ultrapassar os limites individuais talvez se torne mais relevante do que realizar acrobacias e a inversão corporal (CORRÊA; SOUZA

NETO, 2016).

Nos primórdios, as atividades de aventura estavam amplamente relacionadas a um mercado crescente e reunia conceitos de áreas como turismo, lazer, natureza, esportes e aventura. Todo esse modelo foi criado para atender uma demanda que foi crescendo ao passar dos anos e foi preciso atendê-la. Tudo isso está relacionado às atividades físicas emocionantes, insólitas e individualizadas, na companhia de seus amigos e em contato com a natureza, saciando as necessidades sociais e pessoais (BETRÁN, 2003); percorrendo um caminho que vai das práticas acrobáticas às Atividades Físicas de Aventura. Com isso, o corpo é submetido a um novo conceito, sendo ele, “não só como um meio para alcançar um objetivo, mas também como um fim em si mesmo” (BETRÁN, 2003, p. 160).

Outro ponto que cabe destaque é que “uma sólida oferta no conjunto das práticas corporais recreativas como modelo hedonista e ecológico, autêntica alternativa do esporte práxis” (BETRÁN, 2003, p. 166), estruturado dentro de um modo corporal ascético (sacrifício e esforço para obtenção da vitória), e se unem aos três meios físicos: terra, água e mar. “As diversas ramificações que derivam desses três meios físicos se distinguem claramente e a sua classificação lógica permite uma classificação útil” (BETRÁN, 2003, p. 175). Visto isso, é entendido que as atividades de aventura aparecem para sociedade como uma opção de prática corporal, podendo explorar a questão de educação a respeito da biodiversidade.

Entrando na questão esportiva, temos um debate a se fazer, como aplicar a esportivização das atividades de aventura, mesmo elas apresentando um tronco recreativo muito forte?

“Cabe colocar que a competição, a vitória ou o recorde, como elemento primário do universo esportivo, “atentam à idiossincrasia e à natureza das Afan” (BETRÁN, 2003, p. 166), pois estas atividades nascem em contraposição ao urbano e ao esportivo, buscando o contato com a natureza, a fim de experimentar novas sensações de caráter prazeroso, plenitude pessoal e evasão divertida” (CORRÊA; NETO, 2018, P.48)

Com o crescimento das atividades físicas de aventura, não se deve excluir o

processo de esportivização e a aparição de competições que tem como objetivo a superação de diversas provas que são praticadas no meio natural. Para este processo de esportivização das Atividades Físicas de Aventura, pontuamos que é a sua parte “mais próxima do esporte como sistema (baseado no esforço para vencer, na competição, na observação rigorosa das regras do jogo e na institucionalização), ainda que sem chegar ao nível de desenvolvimento próprio do sistema esportivo” (BETRÁN, 2003, p. 170).

Estas concepções diferenciais se baseiam no modelo corporal, na motivação e nas condições da prática, nos objetivos almejados ou ainda no meio utilizado para se desenvolver uma atividade. Desse modo, elementos como prazer, emoção, diversão, cooperação e risco atrelados à natureza, independentemente da idade, do sexo e do aspecto individual, compõem parte da identidade das Atividades Físicas de Aventura (CORRÊA; NETO, 2016).

3 OBJETIVOS

6.1 Geral:

- Analisar como as atividades de aventura foram ofertadas durante a graduação a partir dos periódicos pesquisados.
- Avaliar as possibilidades de uso do tem nas aulas de educação física escolar

6.2 Específicos:

- Descobrir as intenções de uso do tema dos futuros professores de educação física
- Entender os prós e contras que as atividades de aventura proporcionam
- Refletir sobre as dificuldades encontradas para a aplicação do conteúdo de atividades de aventura nas escolas

4 MATERIAL E MÉTODOS

A presente revisão integrativa foi produzida com base na busca sistemática de estudos sobre a relação entre esportes de aventura e educação física escolar de acordo com o PRISMA statement (*Preferred Reporting Items for Systematic Reviews and Meta-Analyses*). Três bases de dados eletrônicas foram sistematicamente pesquisadas até o dia 04 de maio de 2022: Scielo, Biblioteca Virtual em Saúde e Periódicos Capes. Os processos de busca incluíram a combinação da variabilidade das palavras-chave/termos em dois grupos: ("educação" OR "educação física" OR "escola") AND ("atividade de aventura" OR "esporte radical" OR "esporte californiano" OR "esporte de ação" OR "esporte extremo" OR "esporte de aventura" OR "atividade física de aventura" OR "esportes na natureza"). Estes grupos de termos foram determinados usando o operador lógico "AND" disponível nas bases de dados.

Após exclusão de duplicatas todos os títulos foram checados de acordo com a coerência ao tema. Subsequentemente, resumos/abstracts foram analisados para apurar os estudos que foram lidos em sua totalidade. Os estudos completos foram ponderados de acordo com os seguintes parâmetros de inclusão: (1) estivesse contextualmente articulado com a educação física escolar; (2) exibir pelo menos uma categoria ou modalidade de esportes de aventuras; (3) ser publicado em portuguesa. Por fim, uma última etapa contou com uma investigação nas listas de referência dos artigos completos e outras revisões da área para possíveis incorporações.

A ponderação da qualidade metodológica dos estudos é adaptada a partir das propostas denominadas *Strengthening the Reporting of Observational Studies in Epidemiology* (STROBE) (ELM et al., 2007) e *Consolidated Standards of Reporting Trials* (CONSORT) (MOHER et al., 2010), e amparada em estudos com similar avaliação (Cattuzzo et al., 2016). O valor 0 (ausente ou inadequadamente descrito) ou 1 (presente e adequadamente descrito) foram atribuídos para cada uma das seguintes questões: (1) O estudo descreve o critério de elegibilidade/escolha dos participantes? (2) A ideia de estudo condiz com o propósito desse TCC? (3) O estudo cita as fontes que embasaram a pesquisa? (4) O estudo cita os métodos de colheita de dados para obter sua conclusão? (5) O estudo mostra com clareza sua intencionalidade em relacionar

a educação física escolar com as atividades físicas de aventura? (6) O estudo cita a quantidade de artigos lidos ou de alunos que participaram da pesquisa (caso tenha sido de campo)? De acordo com essa escala, um escore de até 06 pontos poderá ser atribuído a cada artigo. Os estudos que apresentarem escores ≤ 2 serão avaliados de baixa qualidade, estudos que alcançarem 3-4 pontos serão avaliados como de média qualidade e aqueles que tiverem escores ≥ 5 serão avaliados como de alta qualidade. Os resultados foram sintetizados considerando as seguintes informações: (1) Autor(es) /Localização; (2) Desenho; amostra; idade; (3) Tipo de estudo; (4) Perspectiva; (5) Principais resultados / conclusões. A seguir, o julgamento da evidência científica foi realizado de maneira similar àquela adotada por Cattuzzo *et al.* (2016), com os seguintes critérios adotados: (i) *forte evidência*, se $\geq 60\%$ dos estudos indicarem uma associação significativa entre as variáveis (no mesmo sentido) e mais de 59% dos estudos considerados de alta qualidade encontrarem uma associação significativa. (ii) *evidência incerta*, se 34-59% dos estudos indicarem uma associação significativa entre as variáveis e pelo menos um deles for considerado de alta qualidade; (iii) *ausência de evidência*, se $\leq 33\%$ dos estudos indicarem uma associação significativa entre as variáveis ou nenhum dos estudos considerados como de alta qualidade encontrar uma associação significativa. A decisão sobre o sentido (positivo/negativo) se dará quando 60-100% dos estudos indicarem uma associação significativa entre as variáveis e 34-59% dos estudos considerados de alta qualidade encontrar uma associação significativa (na mesma direção).

4.1 Bases de dados

BASES DE DADOS	PALAVRAS-CHAVES	NÚMERO DE ARTIOS ENCONTRADOS
MEDLINE, LILACS E IBECs, VIA BVS		164
PERIÓDICOS CAPES	("educação" OR "educação física" OR "escola") AND ("atividade de aventura" OR "esporte radical" OR "esporte californiano" OR "esporte de ação" OR "esporte extremo" OR "esporte de aventura" OR "atividade física de aventura" OR "esportes na natureza")	556
SCIELO		59

5 RESULTADOS

A Figura abaixo apresenta um esquema do processo de busca sistemática. A busca inicial identificou 779 possíveis referências, mas somente 16 foram selecionadas para serem lidas na íntegra e tiveram sua qualidade avaliada de forma independente. A Tabela 1 apresenta os resultados e análise dos critérios para avaliar a qualidade científica dos estudos. Nenhum artigo marcou dois pontos e foi classificado como de baixa qualidade, evidenciando a boa qualidade dos artigos pesquisados para executar este trabalho. 5 artigos pontuaram entre 3 e 4 pontos, sendo classificados como de média qualidade e 11 artigos obtiveram a pontuação de 5 a 6, fazendo com que eles fossem classificados como de alta qualidade. Assim, a amostra final desta revisão permaneceu com 16 artigos.

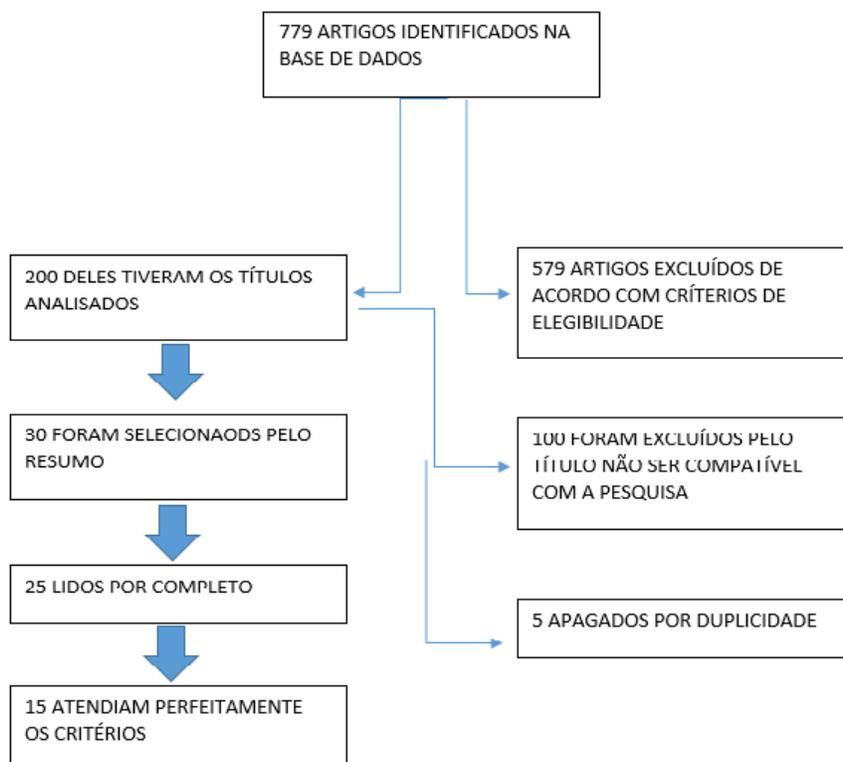


Tabela 1 Resultados da avaliação da qualidade dos estudos.							
	O estudo descreve o critério de elegibilidade/escolha dos participantes?	A ideia de estudo condiz com o propósito desse TCC?	O estudo cita as fontes que embasaram a pesquisa?	O estudo cita os métodos de coleta de dados para obter sua conclusão?	O estudo mostra com clareza sua intencionalidade em relacionar a educação física escolar com as atividades físicas de aventura?	O estudo cita a quantidade de artigos lidos ou de alunos que participaram da pesquisa (caso tenha sido de campo)	Total
PEREIRA; ROMÃO; CAMARGO, 2020	1	1	0	1	1	1	5
TAHARA; FILHO, 2012	0	1	1	1	1	0	4
GONÇALVES; COZZA; SOUZA; PEREIRA; FARIAS, 2020	1	0	1	1	1	1	5
SILVA; MALDONADO; NOGUEIRA; SILVA; SILVA, 2016	0	1	0	1	1	0	3
FRANCO; OLIVEIRA; OLIVEIRA; OLIVEIRA, 2011	1	1	1	1	1	0	5
PAIXÃO, 2017	0	1	1	1	1	0	4
CAPAVERDE; MEDEIROS; ALVES, 2012	1	1	1	1	1	1	6
JUNIOR; VAZ; CORREIA;	1	0	0	1	1	1	5

MANFROI; FIGUEIREDO; MARINHO, 2018							
SANTOS; MANFROI; FIGUEIREDO; BRASIL; MARINHO, 2015	1	1	1	1	1	1	6
TAHARA; DARIDO, 2016	0	1	1	0	1	0	3
INÁCIO; 2021	0	1	1	0	1	0	3
TAHARA; DARIDO, 2014	1	1	1	0	1	1	5
TRIANI; SOUZA; JÚNIOR; TELLES, 2021	1	1	0	1	1	1	5
TAHARA; SOARES; DARIDO, 2018	1	1	1	1	1	0	5
INÁCIO; CAUPER; SILVA; MORAIS, 2016	1	1	1	1	1	1	6

Tabela 2.				
Autor(es) / Localização	Desenho; amostra; idade;	Tipo de estudo	Perspectiva	Principais resultados / conclusões
PEREIRA; ROMÃO; CAMARGO, 2020 Brasil	218 estudantes (idade média de 22,6 anos) do 1º ano do curso de Educação Física de uma Universidade privada de São Paulo.	Qualitativo e quantitativo.	Educação Física Escolar; Aventura; Profissionalização.	Com base nos resultados pode-se observar que mesmo com as dificuldades estruturais e de recursos, os participantes entendem como importante inserir a aventura na Educação Física pelos benefícios que ela proporciona, como um maior contato com a natureza, a superação dos desafios, autoconfiança, entre outros.
SILVA et al., 2016. Brasil	5º período do curso de EF. Participaram do estudo 26 alunos	Qualitativo	Educação Física; Licenciatura; Atividades de Aventura.	As Atividades de Aventura na Licenciatura em EF ainda são recentes. Devido a isso, os conteúdos, as práticas e as capacitações caminham no sentido de identificar práticas que possam proporcionar ao futuro professor uma formação técnica e pedagógica sobre o tema. A formação em Atividades de Aventura no Brasil ainda precisa ser melhor investigada, para que seja mais bem compreendida e possa atender às necessidades e anseios de cada profissional.
AMARAL JUNIOR et al., 2018 Brasil	22 instrutores de atividades de aventura na natureza.	Qualitativo e quantitativa.	Atividades de Aventura na Natureza. Capacitação Profissional. Atividades de Lazer.	Dentre as constatações deste estudo, destaca-se que, embora uma parcela significativa dos instrutores possua formação em nível superior e busque cursos de formação continuada, é premente destacar a valorização da experiência prática, elemento que sobressai diante dos dados encontrados neste estudo e merece um olhar mais refinado.
SANTOS et al., 2015 Brasil	46 formandos do curso de Bacharelado em Educação Física de	Qualitativo	Competência profissional. Educação Física.	Ao estabelecer conexões entre as competências percebidas pelos participantes deste estudo e os objetivos traçados pela

	uma universidade pública de Santa Catarina.		Esportes.	ementa da disciplina de esportes de aventura e na natureza, a qual o originou, evidenciam-se relações de reciprocidade entre os resultados esperados com os resultados alcançados. No entanto, pode-se observar que, além de atingir seus objetivos, a disciplina contribuiu efetivamente para o desenvolvimento e para a percepção de competências profissionais em diferentes níveis.
INÁCIO et al., 2016. Brasil	Base Nacional Comum Curricular	Qualitativo	Educação Física; Ensino; Práticas corporais de aventura; Atividade Física	analisar se o referido conteúdo atende aos princípios da educação básica presentes na BNCC, sobretudo em sua exposição na área de Linguagens, nos eixos e objetivos da formação no ensino fundamental e médio, e nos apontamentos específicos para a Educação Física; bem como avaliar a inserção e os detalhamentos do conteúdo para cada um dos ciclos propostos.
GONÇALVES et al., 2020. Brasil	Periódicos na área da Educação Física classificados como A2, B1 e B2,	Qualitativo	Atividades de aventura. Esportes de aventura. Educação Física e treinamento. Escola.	esperava-se encontrar um contingente maior de estudos nos periódicos investigados. Todavia, considera-se que o objetivo inicial foi atingido, revelando que há a necessidade de ampliar as investigações e publicações sobre o tema atividades de aventura e esportes de aventura.
TAHARA; SOARES; DARIDO, 2018 Brasil	Periódicos nacionais.	Qualitativo e Quantitativo.	Estado da arte, práticas corporais de aventura, Educação Física escolar.	Espera-se que as PCA possam se desenvolver academicamente na área da Educação Física, sendo disseminadas com maior frequência em periódicos científicos e na realização de mais estudos e pesquisas que envolvem o tema. Desta forma, se espera que este possa ser um conteúdo cada vez mais tratado e discutido pela área da Educação Física, sendo inserido em

				contexto escolar, seja no Ensino Infantil, Ensino Fundamental ou Ensino Médio.
TAHARA; CARNICELLI FILHO, 2012. Brasil	Livros, artigos em periódicos especializados e bases eletrônicas de dados.	Qualitativo	Atividades de Aventura. Educação Física. Professor. Escola.	Um professor certamente não terá possibilidades técnicas e conhecimento de um número expressivo de modalidades de aventura, mas se houver pelo menos a inserção de poucas experiências, ou saídas a campo onde possa contar com uma agência para operar os serviços, tudo isso já será suficiente para que os alunos tenham novidades diversificadas em suas aulas e, conseqüentemente novas possibilidades enriquecedoras de aprendizagem.
FRANCO et al., 2011 Brasil	Alunos do 5o ano (antiga 4ª série) do Ensino Fundamental, sendo 55 crianças do sexo masculino e 56 do sexo feminino totalizando 111 pessoas,	Quantitativo e qualitativo.	Educação Física Escolar; Atividades Físicas de Aventura; Ensino Fundamental.	pode-se concluir que é possível aplicar as AFA nos anos iniciais do Ensino Fundamental, utilizando adaptações simples em materiais e estruturas comuns das escolas. Os dados mostram que há uma grande aceitação por parte dos alunos em vivenciar atividades diferentes das tradicionais, mesmo que sejam consideradas perigosas ou com necessidade de estruturas próprias, como as AFA.
PAIXÃO, 2017 Brasil		Quantitativo	Escola; Educação Física; Esporte de Aventura	Esse entendimento busca, sobretudo, ampliar o conceito de esporte de aventura enquanto conteúdo a ser inserido e trabalhado na escola numa dimensão que não contemple apenas as capacidades motoras, mas as demais capacidades que possibilite ao aluno no decorrer da educação básica reproduzir, transformar e partilhar as diversas formas de manifestações corporais que caracterizam a Educação Física como área do saber. Tal construção e apreensão fundamentam-se nas correlações entre as

				práticas corporais e as dimensões em que se estruturam o ambiente social.
CAPAVERDE; MEDEIROS; ALVES, 2012 Brasil	18 professores, de 5a a 8a série do ensino fundamental e do 1o ao 3o ano do ensino médio.	quantitativo e qualitativo	Educação Física; esporte de aventura; professores.	De acordo com o problema da investigação e o objetivo geral que foi verificar se o esporte de aventura estava sendo abordado nas aulas de Educação Física, foi constatado que sim. Alguns professores já estão inserindo durante o ano letivo algumas modalidades do esporte de aventura, como a trilha, caminhada longa, corrida orientada e falsa baiana em suas aulas de 5a a 8a série do ensino fundamental e do 1o ao 3o ano do ensino médio.
SENA; LEMOS, 2020 Brasil	30 estudantes do 9o ano do ensino fundamental anos finais.	Qualitativo	Educação física; Ensino Fundamental; Parkour.	Concluimos que a prática do parkour desenvolvida nas aulas de educação física no ensino fundamental, é de suma importância para o processo de aprendizagem dos estudantes no que se refere as Práticas Corporais de Aventura.
TAHARA; DARIDO, 2016 Brasil	Artigos, capítulos de livro e demais trabalhos publicados sobre este tema.	Qualitativo.	Práticas corporais de aventura. Educação física. Escola.	existem possibilidades de se conseguir oportunizar uma determinada PCA aos alunos, haja vista que tais práticas compreendem uma série de modalidades em si (aquáticas, terrestres ou aéreas/na natureza ou em meio urbano). Ademais, há variadas maneiras em promover adaptações em algumas práticas a depender do contexto e realidade local da instituição.
INÁCIO, 2021 Brasil	-	Qualitativo	Aventura; Educação física escolar; Metodologia de ensino; Classificação.	Entendemos que a classificação aqui apresentada pode contribuir na direção de uma EF crítica, uma vez que propõe reflexões e decisões coletivas (professor/a + alunos/as) sobre as PCAs que serão desenvolvidas em aula, ao invés de uma

				pedagogia que apenas reproduz na escola a mesma lógica desenvolvida nestas PCAs enquanto conteúdo do Lazer e/ou do Esporte.
TAHARA; DARIDO, 2014 Brasil	Alunos do 1o ano do Ensino Médio de uma escola em Ilhéus/BA.	Qualitativo e Quantitativo.	Unidade Didática. Alunos. Práticas Corporais de Aventura. Trilhas Interpretativas. Educação Física Escolar. Tecnologias de Informação e Comunicação (TIC).	o professor de Educação Física atualmente precisa estar preparado para interagir e dialogar com os alunos, os quais emergem com essa nova cultura digital atrelada em suas vidas cotidianas. Torna-se necessário manter reflexões críticas sobre o uso das novas tecnologias, considerando-se as especificidades pertinentes a cada escola, mas também entendendo esse processo como um desafio de incorporação de uma nova linguagem, que amplia e recria as possibilidades das inúmeras práticas corporais interligadas às TIC.
TRIANI, DE SOUZA, JÚNIOR, TELLES, 2021 BRASIL	34 graduandos de um total de 40 ingressantes na disciplina de Esportes de Aventura do curso de bacharelado em Educação Física	Qualitativo	educação física; esportes de aventura; meio ambiente e educação.	os indícios de representações sociais sobre meio ambiente apontam para uma perspectiva naturalística, a qual não percebe o homem como pertencente ao meio. Além disso, no que se refere à relação homem, esporte e natureza, considera-se que as representações sociais compartilhadas entre o grupo estudado estão pautadas na ideia de saúde e na prática dos esportes regionais.

A tabela 2 mostra os resultados sintetizados dos artigos analisados, 4 apresentaram conteúdo sobre a formação acadêmica do professor de educação física, que explicitou uma carência no currículo das universidades, mas que aconteceram medidas para deixá-lo mais completo, e o tema de aventura foi um dos pontos adicionados para suprir a carência dos graduandos.

“Diversos fatores contribuíram para o crescimento deste tema, como a popularização de modalidades como o skate, o surfe, entre outras; a busca pelo contato com a natureza no tempo livre; o apelo midiático para as proezas de práticas arriscadas; o desenvolvimento tecnológico que tornaram materiais e equipamentos mais acessíveis à população de práticas de risco (MARINHO; INÁCIO, 2007; DIAS, 2007; PEREIRA et al., 2017).

Sobre a Base Nacional Comum Curricular, foi encontrado um 1 artigo, sendo ele: Práticas corporais de aventura na escola: possibilidades e desafios – reflexões para além da Base Nacional comum Curricular, de INÁCIO, et al, 2016, que faz uma análise do tema de práticas corporais de aventura em relação aos demais conteúdos presentes na Base Nacional Comum Curricular.

Ele expõe os 4 eixos de formação presentes na Base Nacional Comum Curricular que articulam os currículos dos ensinos fundamentais e médios e nos mostra que as práticas corporais de aventura contemplam todos eles. Também é dialogado a questão da BNCC em relação à educação física, ser organizada em ciclos e dentro desses ciclos encontramos uma divisão que fica claro quando lemos:

“Diferenciar, nos ciclos, as práticas realizadas em diferentes espaços: meio urbano no 3o ciclo e na natureza no 4o ciclo. Essa mudança leva em consideração a possibilidade de realização dessas práticas, primeiramente, no ambiente escolar, ou no seu entorno e, posteriormente, na natureza (BRASIL,2016, p.404)”.

A partir disso, a Base Nacional Comum Curricular sugere a utilização de Atividades Físicas de Aventura urbanas, e exemplifica: “parkour, skate, patins, bike” (BRASIL,2016, p.404), para o 3o ciclo e Atividades Físicas de aventura na Natureza,

como por exemplo: “corrida de orientação, trilhas interpretativas, arborismo, mountain bike, rapel, tirolesa” (BRASIL,2016, p.405) para o 4o ciclo.

Na presente pesquisa, foram analisados dois artigos que apresentaram estudos sobre os periódicos já feitos sobre a relação das atividades de aventura com a educação física escolar. GONÇALVES (2020), revelou que As práticas corporais de aventura na escola ainda são um recente conteúdo e carecem de investigações centradas na área da Educação Física. E, por isso, teve o interesse em desenvolver um estudo para analisar a produção de artigos em âmbito nacional. “No entanto, houve dificuldade de encontrar estudos relacionados ao tema, fato que se tornou uma limitação do estudo” (GONÇALVES *et al.*, 2020)

Essa dificuldade apresentada, é novamente citada no artigo “Estado da arte: Práticas corporais de aventura e Educação Física escolar” quando ele cita que

“Tomando por base os dados coletados neste “estado da arte” acerca das PCA em onze periódicos nacionais avaliados pelo Qualis/Capes na área da Educação Física, considera-se que nesse contexto há ainda uma carência na produção científica relacionada às PCA. Carência ainda maior quando se pensa em uma inserção destas práticas no ambiente escolar, uma vez que tais práticas se constituem como um conteúdo necessário de ser tratado em aulas, assim como a Base Nacional orienta em suas diretrizes.” (TAHARA *et al.*, 2018, P. 101)

Portanto, com o estudo desses dois periódicos, notamos a dificuldade em encontrar artigos relacionados ao tema desse presente estudo e que existe a necessidade do aumento da produção científica da área. Para que seja “um conteúdo cada vez mais tratado e discutido pela área da Educação Física, sendo inserido em contexto escolar, seja no Ensino Infantil, Ensino Fundamental ou Ensino Médio” (TAHARA *et al.*, 2018, P. 101).

Já, em relação aos artigos relacionados com a educação física escolar, com os conteúdos sendo aplicados na escola, foram encontrados 10 artigos. Em meio a essa gama de conhecimento, constatamos alguns benefícios causados pela prática de atividades de aventura, como

“Gerar motivações e interesses diversificados entre os alunos ao participarem das aulas de Educação Física, existindo curiosidade e satisfação naquilo que a prática possa proporcionar em termos de sensações e emoções individuais que podem ser compartilhadas com o grupo, como a percepção de liberdade, o ineditismo na vivência, a questão dos riscos sob controle, entre outros” (TAHARA *et al.*, 2012, P.62).

Outro ponto levantado é a obrigatoriedade da escola informar a “potencialidade e o uso do tempo livre fora dos padrões urbanos. E a Educação Física Escolar pode contribuir com isso, sem fugir de seus conteúdos presentes na cultura corporal.” (FRANCO, 2011). Então, o ensino nas das atividades de aventura é visto como uma ótima via alternativa para fugir dos conteúdos comumente tratados e isso pode provar os alunos a desenvolverem tais atividades fora da escola e com isso, obterem uma novidade em seus momentos de lazer.

“Ao traçar relações com o tema transversal do meio ambiente, Galvão, Rodrigues e Silva²⁸ refletem sobre a importância da presença dos esportes de aventura na escola, onde as discussões surgidas no decorrer das aulas, motivadas muitas vezes pela mídia ou mesmo por vivências extraescolar, podem ser abordadas pelos professores de diversas maneiras” (TAHARA *et al.*, 2016, P. 121).

Em meio aos estudos analisados, temos a presença de propostas da implementação de uma unidade didática com o conteúdo de aventura,

“Objetivo central desta Unidade Didática é enfocara temática das práticas corporais de aventura de maneira que propicie sentido/significado aos alunos, permitindo que eles consigam, além de identificar os diferentes tipos de práticas, contextualizá-las criticamente(a maioria delas bastante elitizadas e com alto preço nos equipamentos e materiais necessários” (TAHARA *et al.*, 2014, P.60).

6 DISCUSSÃO

O estudo apresenta informações sobre o conhecimento científico sobre as atividades físicas de aventura, desde a formação dos professores de educação física, passando pelas regulamentações das Base Nacional Comum Curricular até chegarmos ao universo escolar. Entendendo que os currículos das universidades, em relação as atividades físicas de aventura deixam a desejar, Pereira e colegas (2020) dizem que “a aventura na graduação em Educação Física deve ser tratada com atenção pelos cursos de graduação, porque a grande maioria dos estudantes acredita na importância desse conteúdo na formação do professor”.

E, além de estudar simplesmente a oferta de conteúdo de aventura na universidade, precisamos buscar informações sobre o que os graduandos pensam sobre o tema, sendo constatado que possuem uma visão satisfatória sobre o tema, demonstrando conhecimentos prévios sobre e o desejo de uma maior preparação, sendo reconhecida as qualidades das atividades de aventura “por promover o desenvolvimento de condições psicológicas positivas aos profissionais e o conhecimento adquirido é entendido como ampliação cultural e nova abertura para um mercado de trabalho cada vez mais exigente” (PEREIRA *et al.*, 2020, P.43).

“Franco defende as atividades físicas de aventura dentro da escola, pois acredita que esse conhecimento e suas vivências proporcionem sensações e experiências que atinjam o afetivo, o cognitivo e o aspecto motor de um jovem estudante, mesmo que em muitos casos estas práticas sejam apenas adaptadas às estruturas pobres de várias escolas brasileiras.” (TAHARA *et al.*, 2012, P. 66)

Mas, para que se obtenha sucesso, o professor deve estar seguro com o conhecimento que irá ser passado e, diante das dificuldades do conteúdo de aventura na graduação, o que vai ajudar é um conhecimento prévio de determinadas modalidades.

O conhecimento prévio de uma ou mais atividades de aventura da parte dos professores é um ponto fundamental, visto que conter uma experiência deixa o docente mais seguro na hora de ministrar sua aula. Porém, pode ser um

problema “Uma vez que a maioria dos profissionais que hoje atuam nas escolas não teve em sua formação acadêmica disciplinas que abordassem tais conteúdo” (TAHARA *et al.*, 2012, P.63). Sendo assim, a fonte de experiência prévia dos professores é de cunho pessoal onde ele praticava a atividade por vontade própria.

É importante salientar que “a formação inicial em EF não busca capacitar um técnico de Atividades de Aventura (BERNARDES; MARINHO, 2013), mas formar professores que consigam articular conhecimentos e valorizar esses conteúdos em suas aulas de Educação Física Escolar, sistematizando o tema a partir dos eixos de conteúdos e possibilitando o trabalho de outros elementos da cultura corporal de movimento que possibilitem práticas pedagógicas inovadoras na escola” (SILVA *et al.*, 2016 p.77).

Vimos na experiência prévia dos professores, uma saída para que devido conhecimento seja passado para seus alunos, pelo fato de

“Muitas modalidades necessitam de inúmeros materiais específicos para a referida prática, o que pode dificultar sua execução. Em alguns casos, o próprio professor tem algum tipo de material (ou empresta de conhecidos) por já possuir relativa experiência na modalidade, e aí consegue adaptar uma situação na escola que possibilite aos alunos experimentar algo novo” (TAHARA *et al.*, 2012, P. 63).

Dentro dos artigos produzidos dentro dessa temática, é notório o consenso de que é necessário uma mudança no curso de formação dos professores referente as práticas corporais de aventura na natureza,

“Tal mudança diz respeito ao fato - tácito, de que este conteúdo apresenta um distanciamento muito significativo das práticas tradicionais desenvolvidas na escola, bem como das brincadeiras e de jogos típicos da infância, o que conflui para uma impossibilidade de sua inserção na EF sem que haja todo um processo de [re]conhecimento da comunidade docente” (INÁCIO, *et al.*, 2016, P.180).

Caetano (2012) realizou um estudo com professores de rede pública na cidade de Goiás e constatou que nenhum professor utilizou das atividades de aventura em suas aulas. Fato que se mostra extremamente preocupante, pois se trata de um conteúdo rico que não é passado nas escolas para os alunos.

Inácio (2016) realizou uma busca no Sítio da BNCC por contribuições populares e as contribuições demonstram o nível de preocupação dos professores de Educação Física ao se deparar com as Atividades Físicas de Aventura como um conteúdo a ser desenvolvido em suas aulas. As expressões 'experiência', 'formação adequada', 'conhecimento sobre', 'profissionais capacitados', no contexto que são apresentadas, indicam que tal qualificação (SILVEIRA; MORAES; INÁCIO, 2011) e experiência estão ausentes da realidade escolar, sendo assim, uma importante limitação - e um desafio a ser enfrentado pelas instituições de ensino superior, para a inserção efetiva das Atividades Físicas de Aventura na Educação Física.

Os estudantes possuem uma visão otimista diante das atividades de aventura e entendem que

“O papel das IES se torna fundamental para que o conhecimento específico da aventura seja tratado cientificamente e com propostas pedagógicas adequadas aos iniciantes, tanto nos aspectos de segurança, quanto técnicos, psicológicos, sociais e biológicos, ampliando o acervo cultural e qualificando a atuação dos futuros professores” (Wuo, *et al.*, 2020, P. 44).

Se faz necessário a criação de espaços dignos e favoráveis para o graduando se desenvolver dentro da universidade de forma qualificada para que obtenha sucesso na sua jornada profissional.

“Caparroz (2007) salienta que a EF ensinada em ambiente escolar não deve meramente reproduzir as atividades realizadas fora desse ambiente. Docentes que atuam nos cursos de licenciatura em EF, sabedores disso, devem criar ambientes pedagógicos específicos para que o futuro professor possa refletir, debater, analisar e vivenciar as diferentes manifestações da cultura corporal de movimento, contribuindo para que ele compreenda, de forma crítica, as possibilidades de analisar as

diferentes práticas corporais que estuda e, futuramente, ensinará na escola” (SILVA *et al.*, 2016, P.72).

Sabemos que práticas de aventura, além de seus benefícios, existem perigos. Mas que se o professor apresentar a qualificação necessária para ministrar suas aulas com perfeição, esses riscos são minimizados e

“Acreditamos que aprender a lidar com os riscos, a trabalhar com as incertezas, a buscar estratégias de ensino para ensinar essas práticas corporais dentro das aulas de EFE para todos os alunos devem ser competências desenvolvidas na formação profissional dos docentes que trabalham com disciplinas que envolvam os Esportes Radicais e as Atividades de Aventura nas Licenciaturas em EF” (SILVA *et al.*, 2016, P. 77).

As atividades Físicas de Aventura, devido a apresentação de lugares inovadores para a sua prática, demonstram aspectos motivacionais, utilizando de pontos como a dificuldade das atividades e os riscos que podem correr. BRUHNS(2000) E TRINDADE(2001) mostram que esses elementos, comuns ao esporte de aventura, podem configurar-se como estímulo às sensibilidades corporais dos alunos possibilitando-os a partir do (re) encontro com as sensações corporais, experimentando e sentindo o próprio corpo em meio às fortes emoções e o risco em um mundo que, a cada vez mais, se centra na estimulação áudio visual.

Contudo, é necessário uma justificativa plausível para que as Atividades Físicas de Aventura sejam integrados no planejamento das aulas dos professores, então PAIXÃO (2017) diz que justifica-se por meio de várias de suas modalidades. Têm-se, por exemplo, milhões de praticantes de esportes com prancha. Somente na modalidade skate, segundo pesquisa realizada em setembro de 2006 pelo Datafolha, e presente no site da Confederação Brasileira de Skate, há quase 3.200.000 domicílios brasileiros que possuem pelo menos um morador que tem um skate, aproximadamente 6% dos domicílios brasileiros conforme o IBGE, portanto, são mais de três milhões de praticantes e milhares de competidores, sendo alguns deles campeões mundiais recentemente.

Além de que, o estudo realizado por Franco e colegas (2011) mostrou que 96,3% dos alunos acreditam que as Atividade Física de Aventura podem ser praticadas tal qual os outros conteúdos geralmente desenvolvidos durante as aulas. As justificativas dadas pelos alunos foram similares as da primeira questão, também relacionadas a Esporte, Saúde, Prazer, Motricidade e Conhecimento. Isso porque provavelmente elas remetem às Atividades Físicas de Aventura com a mesma importância de outras atividades já praticadas na Educação Física Escolar.

Além disso, outro aspecto que vale a pena ser pontuado é que se refere ao ambiente da prática, o simples fato da tentativa de mudança de ares pode acarretar em pontos positivos para o professor e seus alunos, ou seja,

“Realizar aulas de Educação Física em ambientes diversificados, explorando a natureza, pode despertar nos alunos a curiosidade pelo novo, fazendo com que eles participem das aulas mais entusiasmadas, com mais interesse, experimentando novas sensações e emoções através de atividade física diferenciada e orientada” (PEREIRA; CARVALHO; RICHTER, 2008,P. 57).

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente estudo teve como ponto central o estudo acerca das atividades física de aventura dentro da escola, entender os motivos para que os professores não as apliquem e, através dos resultados, foi concluído que acontece muito pela falta de conteúdo na formação do professor e falta de materiais nas escolas, porém, entendeu-se que essas atividades são realmente viáveis dentro do universo escolar.

Vimos que os graduandos em educação física possuem sérias dificuldades em relação ao conteúdo estudado, ausência de uma disciplina específica, falta de investimentos para expandir o aprendizado, entre outros. Contudo isso, pode-se entender a falta do conteúdo relacionado a aventuras dentro dos planejamentos para escolas.

Mesmo assim, foi concluído que as atividades de aventura podem e devem ser realizadas dentro da escola, mas que se faz necessário uma melhoria da formação do professor de educação física, para que ele obtenha aprendizado e segurança para ministrar suas aulas de maneira limpa e eficiente e que consiga transmitir as sensações da experiência que as atividades físicas de aventura podem proporcionar.

Além de ser necessário um apoio da direção da escola para essas aulas serem executadas, visto que, mesmo com todos os procedimentos de segurança, essas atividades apresentam um certo risco aos alunos. Também tem a questão dos materiais, situação que apresenta algumas vias para ser resolvida, como parceria com alguma empresa, adaptação de materiais, apoio pedagógico para criação de um projeto multidisciplinar, que envolva a maior quantidade de professores e conquiste a atenção dos alunos.

De todo modo, a tentativa de execução é extremamente válida, visto que que a fuga dos conteúdos trabalhados de maneira exaustiva, gera um engajamento favorável da parte dos alunos.

REFERÊNCIAS

- AMARAL JUNIOR, Aureo José, et al. Formação e Atuação Profissional de Instrutores de Atividades de Aventura na Natureza em Florianópolis (SC), 2018.
- BEZERRA, Fausto Junqueira de Castro, Atividades de aventura na natureza: revisão de artigos em periódicos científicos da educação física, 2011.
- BRASIL. Ministério da Educação. Base Nacional Comum Curricular
- CAPAVERDE, Mariana Rech. Et al, Esporte de aventura nas aulas de Educação Física: Uma alternativa ao alcance dos profissionais?, 2012.
- CORRÊA, Antonio Evandro e NETO, Samuel de Souza. As Atividades de Aventura e a Educação Física. Formação, currículo e campo de atuação.2016
- CORRÊA, E. A.; HUNGER, D.; SOUZA NETO, S. Educação física e atividades de aventura: uma questão emergente na formação e intervenção profissional. In: METZNER, A. C.; DRIGO, A. J.; CESANA, J. Temas emergentes em educação física: educação, esporte e saúde. Curitiba: CRV, 2014
- FRANCO, Laercio Claro Pereira. ATIVIDADES FÍSICAS DE AVENTURA NA ESCOLA: uma proposta pedagógica nas três dimensões do conteúdo, 2008.
- FRANCO, Laércio Claro P., et al, Atividades Físicas de Aventura: Proposta de um Conteúdo na Educação Física Escolar no Ensino Fundamental, 2011.
- GONÇALVES, Jayson, et al. Atividades de aventura na educação física escolar: uma análise nos periódicos nacionais,2020.
- INÁCIO, Humberto Luís de Deus, Proposta de Classificação das Práticas Corporais de Aventura para o Ensino na Educação Física Escolar.2021.
- INÁCIO, Humberto Luís de Deus, et al, Práticas Corporais de Aventura na Escola: Possibilidades e Desafios – Reflexões para Além da Base Nacional Comum Curricular.2016.
- MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E DO DESPORTO. Parâmetros curriculares Nacionais. Brasília: MEC/SEF, 1997
- PAIXÃO, Jairo Antônio. Esporte de Aventura como Conteúdo Possível nas Aulas de Educação Física Escolar, 2017.
- Parâmetros Curriculares Nacionais: Educação Física/Secretaria de Ensino Fundamental (1º e 2º Ciclos). Brasília: MEC/SEF, 1997.
- PEREIRA, Wu. Et al. A Aventura como desafio aos professor de educação física,2020.
- ROSSI, Fernanda e HUNGER, Dagmar, As etapas da carreira docente e o processo de formação continuada de professores de Educação Física, 2012.

SANTOS, Priscila Mari, et al, Formação Profissional e Percepção de Competências de Estudantes de Educação Física: Uma Reflexão a Partir da Disciplina de Esportes de Aventura e na Natureza. 2015.

SENA, Dianne Cristina Souza e LEMOS, Miguel Herick Sousa. Parkour: Propostas de Aulas na Educação Física Escolar, 2020.

SEVERINO, Antonio Joaquim. Et al, Aventura e educação na Base Nacional Comum, 2016

SILVA, Marcelo Guimarães. A importância da Educação Física como componente curricular da educação básica na formação do cidadão do ensino fundamental: estudo de caso com alunos do 9º ano da rede pública estadual da cidade de Resende, RJ. 2012.

SILVA, Bruno Allan Texeira, et al. Atividades de Aventura na Licenciatura em Educação Física: Um Relato de Experiência, 2016.

TAHARA, Alexander Klein e DARIDO, Suraya Cristina. Práticas Corporais de Aventura Em Aulas de Educação Física na Escola. 2016.

TAHARA, Alexander Klein e DARIDO, Cristina Suraya. Proposta de Unidade Didática Acerca das Práticas Corporais de Aventura, Trilhas Interpretativas, Educação Física Escolar e Tecnologias de Informação e Comunicação (TIC), 2014.

TAHARA, Alexander Kein e FILHO, Sandro Carnicelli. A presença das atividades de aventura nas aulas de educação física, 2012.

TAHARA, Alexander Klein, et al. Estado da arte: Práticas corporais de aventura e Educação Física escolar. 2018.

TERRÃO, Felipe Lopes. Conhecimentos e percepções de estudantes do Curso de Educação Física da Universidade Federal de São Paulo: uma análise a partir da divisão do currículo em licenciatura e bacharelado, 2017.

TRIANI, Felipe da Silva, et al. Representações Sociais de Graduandos em Educação Física Sobre o Meio Ambiente e a Relação Homem, Esporte e Natureza. 2021.

PEREIRA, D.W.; CARVALHO, G.S.; RICHTER, F. Programa de escalada em rocha como educação física para alunos do ensino médio. In: Anais do 12º Congresso Paulista de Educação Física. Jundiaí – SP, 23 de junho de 2008.

BRUHNS, H. Lazer e Meio Ambiente: Corpos Buscando o Verde e a Aventura. Revista Brasileira de Ciências do Esporte. Campinas (SP): Autores Associados, v. 18, nº2, 1997

CORRÊA, E. A.; HUNGER, D.; SOUZA NETO, S. Educação física e atividades de aventura: uma questão emergente na formação e intervenção profissional. In: METZNER, A. C.; DRIGO, A. J.; CESANA, J. Temas emergentes em educação física: educação, esporte e saúde. Curitiba: CRV, 2014

KMED EUROPA, Formação Profissional. Disponível em <
<https://www.kmedeuropa.pt/formacao.php>> Acessado em: 04/05/2022, 14:30H.

ANEXOS

